

# SINTAXE NA SALA DE AULA: A FUNÇÃO DO COMPLEMENTO NOMINAL<sup>1</sup>

Ana Maria Sá Martins<sup>2</sup>  
Gabriela Lages Veloso<sup>3</sup>

## RESUMO

A pesquisa “Sintaxe na sala de aula: a função do complemento nominal” faz parte do projeto de iniciação científica intitulado “Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica”. Esse estudo tem como escopo analisar a função sintática do complemento nominal, enquanto prática pedagógica voltada para o ensino de Língua Portuguesa, no âmbito educacional do Centro de Ensino Paulo VI. A referida pesquisa está fundamentada na gramática gerativa, de Noam Chomsky (1999), que compreende a sintaxe como componente central da cognição linguística, entendendo que a comunicação humana não se dá por meio de palavras soltas e, sim, por meio de expressões complexas como sintagmas e frases” (KENNEDY, 2013). Assim, investigamos o ensino/aprendizagem de sintaxe desenvolvido no Centro de Ensino Paulo VI e apresentamos algumas contribuições gerativistas, a partir de Chomsky (1999), para maior eficácia no ensino do complemento nominal. Para isso, analisamos o livro didático *Se liga na língua*, de Ormundo & Siniscalchi (2016), adotado na escola pesquisada e comparamos com outras gramáticas. Além disso, fizemos a aplicação de um questionário para os discentes do 3º ano, a fim de identificar as principais dificuldades referentes à temática em questão. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Chomsky (1999), Costa & Barin (2003), Cruz (2013), Kenedy (2013), além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno da temática em questão.

**Palavras-chave:** Linguística gerativa. Sintaxe. Complemento nominal.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a função sintática do complemento nominal, como prática pedagógica voltada para o ensino de língua portuguesa do ensino médio, no contexto educacional do Centro de Ensino Paulo VI.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de um Projeto de Pesquisa Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica, financiado pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e foi premiado como a melhor pesquisa de iniciação científica da grande área de Linguística, Letras e Artes, em 2019.

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino, [anamariasapericuma@gmail.com](mailto:anamariasapericuma@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, atualmente é bolsista de iniciação científica do CNPq, monitora do Núcleo de Línguas da UEMA – NUCLIN e pesquisadora do Grupo de Pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino, [gabriela.lages@outlook.com](mailto:gabriela.lages@outlook.com).

A referida pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Linguística Gerativa: reflexões sobre as estratégias de ensino/aprendizagem de sintaxe da língua portuguesa na educação básica”<sup>4</sup>. Vale ressaltar que este estudo se sustenta na teoria gerativista de Noam Chomsky, inaugurada no início dos anos 1950, e, dessa maneira, “a morada da linguagem e das línguas naturais passou a ser a mente dos indivíduos.” (KENEDY, 2013, p. 18).

Conforme os ideais do gerativismo, a linguagem é considerada tácita, implícita, inconsciente e inerente ao ser humano; esse conhecimento refere-se à competência linguística ou conhecimento linguístico. A Faculdade da linguagem – outro conceito de grande relevância para os estudos gerativistas – “é, com efeito, a disposição biológica que todos os indivíduos humanos saudáveis possuem para adquirir uma língua e para produzir e compreender palavras, frases e discursos” (KENEDY, 2013, p. 15).

No que se refere à lógica das representações arbóreas, que foi formulada por Chomsky (1970), aperfeiçoada por Ray Jackendoff (1977) e ficou conhecida como a Teoria X-barras:

é interessante e útil justamente porque ela nos oferece o modelo de representação arbórea capaz de dar conta de todos os tipos de relação sintática, seja de núcleo e complemento, ou a de especificador e núcleo ou ainda a adjunção de sintagmas. (KENEDY, 2013, p. 195 - 196).

Mas o que é sintagma? Como ele se constitui? A fim de responder a essas e outras questões, Kenedy (2013) enfatiza que um sintagma é:

um conjunto de unidades (seja um conjunto de palavras ou de outros sintagmas). Entretanto, um sintagma pode também ser constituído por somente uma palavra ou mesmo por nenhum elemento foneticamente realizado na frase. Para entender isso, lembre-se de que o conceito de sintagma é derivado do conceito de conjunto. Você deve lembrar-se da existência do conjunto unitário e do conjunto vazio. Para a sintaxe, o conjunto unitário é o sintagma formado por uma única palavra, enquanto o conjunto vazio é formado por um elemento sem matriz fonética (KENEDY, 2013, p. 182).

Nesse sentido, sintagmas são unidades significativas, que podem ser formadas por um ou mais elementos, assim como os estudos de José De Nicola (2005) apontam.

As frases que compõem qualquer enunciado expressam um conteúdo por meio dos elementos e das combinações desses elementos que a língua proporciona. Dessa maneira, vão se formando conjuntos e subconjuntos que funcionam como unidades sintáticas dentro de uma unidade maior que é a frase. A essas unidades de sentido e com função sintática chamamos sintagmas. Uma frase pode estar composta de um

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa – Edital N° 13/2018 – PPG/UEMA – PIBIC (CNPq/FAPEMA/UEMA).

ou mais sintagmas; um sintagma pode estar composto de um ou mais elementos. (2005, p. 67).

Quanto às subcategorias, os sintagmas podem ser classificados em *lexicais* e *funcionais*. Entretanto, como o intuito deste artigo é simplificar o estudo da sintaxe na educação básica, iremos nos ater aos sintagmas lexicais. Kenedy (2010), aponta a inserção da noção de constituinte na descrição da língua, com o termo sintagma como a principal reformulação a ser realizada na NGB. A proposta desse autor visa a reformular o componente sintático da NGB de modo a introduzir a noção de sintagma e, assim, simplificar as funções sintáticas em apenas quatro: **sujeito; predicado; complemento e adjunto**. A noção de sintagma estaria relacionada à de núcleo, no qual os constituintes do sintagma encontram-se organizados. A denominação de cada um dos sintagmas depende do núcleo, obedecendo a seguinte classificação:

**Sintagma Nominal (SN):** cujo núcleo é um nome;

**Sintagma Verbal (SV):** cujo núcleo é um verbo;

**Sintagma Preposicionado (SP):** cujo núcleo é uma preposição + sintagma nominal;

**Sintagma Adjetival (SA):** cujo núcleo é um adjetivo;

Nesse sentido, esta pesquisa busca promover os estudos gramaticais numa abordagem gerativista, na educação básica. Para isso, o professor deve ter como ponto de partida os conhecimentos que os alunos trazem consigo para a sala de aula, uma vez que defendemos os princípios de Vicente & Pilati (2012), os quais consideram que:

esse conhecimento prévio é algo que antecede esse ensino formal e explícito oferecido pela escola. Concordamos que o “ensino” da língua deve ter como finalidade a produção e a compreensão de textos, porém, entendemos que o seu ponto de partida deve ser a reflexão sobre aquilo que o aluno já sabe sobre a sua língua. (2012, p. 10)

Assim, em consonância as autoras, argumentamos em favor de trazer à consciência do aluno o uso de sua própria gramática, por entender que o mesmo já possui esse conhecimento internalizado e, assim fortalecer uma educação linguística na prática pedagógica na educação básica.

A Teoria gerativista defende que é a partir do conhecimento prévio do aluno que precisa ser trabalhada a aprendizagem da língua materna, de modo que auxilie o estudante a tomar consciência desse conhecimento prévio que ele já possui e, a partir daí, produzir seus

textos com domínio e entendimento do uso de sua gramática. Assim, quando este trabalho cita a necessidade de investigações acerca do ensino x aprendizagem do complemento nominal, e apresenta pressupostos da gramática gerativista é com o objetivo de despertar a reflexão dos discentes para o uso adequado das formas linguísticas para um melhor resultado em suas produções orais e escritas. Vale ressaltar que, o que se deseja com essa pesquisa é contribuir para que o falante da língua portuguesa faça o uso adequado de sua língua, levando em consideração a reflexão e consciência de seu uso na prática pedagógica.

Portanto, o presente artigo apresenta os resultados finais do nosso projeto de pesquisa, desde a investigação do livro didático do Centro de Ensino Paulo VI, comparando-o com outras gramáticas; além da análise dos planos bimestral e de curso da referida escola, bem como algumas contribuições da sintaxe gerativa para o estudo da função sintática do complemento nominal, no Ensino Médio, na prática pedagógica de língua portuguesa, na escola pesquisada. Para tanto, utilizamos como aporte teórico os estudos de Chomsky (1999), Costa & Barin (2003), Kenedy (2013), Cruz (2013), além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno da temática em questão.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente, investigamos o livro didático, doravante (LD), do Centro de Ensino Paulo VI para a análise do tratamento dado à função complemento nominal. Em seguida, realizamos duas visitas à escola pesquisada. Enquanto na primeira visita efetuamos a aplicação de um questionário aos alunos do 3º ano do ensino médio, a fim de investigar as principais dificuldades do corpo discente em relação ao processo de ensino/aprendizagem do complemento nominal; na segunda, fizemos a correção destas questões juntamente com as turmas.

O referido questionário contém doze questões – dentre as quais apenas quatro pertencem à temática aqui analisada – e foi aplicado em quatro turmas de 3º ano do ensino médio, num total de 114 alunos. Vale ressaltar que, as oito questões restantes pertencem aos outros dois planos de trabalho deste projeto, que estudam, respectivamente, o adjunto adnominal e a concordância nominal.

Em linhas gerais, nas quatro questões analisadas, foi avaliado o conceito/definição de complemento nominal, bem como, as principais dificuldades na classificação desta função sintática. É válido enfatizar que na questão referente à definição de complemento nominal,

uma das alternativas possuía uma conceituação de base gerativista, enquanto uma outra alternativa trazia um conceito normativo, pois buscávamos perceber em que medida a concepção de cunho gerativista seria aceita como a opção “correta” pelos alunos, visto que, na maioria das vezes, os alunos da educação básica estudaram unicamente a perspectiva normativa, ao longo da vida escolar.

Para a análise do corpus, selecionamos a unidade 9 do livro didático do 3º ano do ensino médio – PNL D 2018 a 2020, *Se liga na língua- Literatura, Produção de texto e Linguagem*, de Wilton Ormundo & Cristiane Siniscalchi, LD, adotado no Centro de Ensino Paulo VI. Em seguida, analisamos os planos anual e bimestral elaborados e cedidos pelas duas professoras de língua portuguesa, do 3º ano, do turno matutino, da referida escola, a fim de identificar os principais métodos utilizados no ensino da função sintática de complemento nominal. E, por fim, propomos algumas contribuições para o processo de ensino/aprendizagem, sob um enfoque gerativista, considerando a intuição linguística e o conhecimento prévio do aluno.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O cerne de nossa pesquisa se encontra na observação e análise do modelo morfossintático complemento nominal, sob o enfoque da Linguística Gerativista, pois constatamos as lacunas deixadas pela GT no estudo da língua, a começar pela própria concepção do termo sintagma que, ora é apenas citado, ora inexistente nesses estudos linguísticos.

Tendo em vista pressupostos gerativos como o conhecimento prévio do aluno, a faculdade da linguagem e o modelo da Teoria X – barra do linguista Noam Chomsky (1999), apontamos, a seguir, algumas definições para a natureza e organização do modelo morfossintático: complemento nominal.

Vale salientar que a análise do LD da escola pesquisada foi realizada a partir do estudo gramatical de pressupostos da gramática gerativa, traçando um paralelo com as gramáticas dos autores Cereja & Magalhães (2014), Ferreira (1995), Maria Luiza Abaurre et al (2015) a fim de investigar como vem sendo desenvolvido o estudo morfossintático da função complemento nominal no Centro de Ensino Paulo VI, com o propósito de contribuir para a melhoria no ensino de língua portuguesa na referida escola.

## O TRATAMENTO DADO À FUNÇÃO MORFOSSINTÁTICA: complemento nominal no LD do Centro de Ensino Paulo VI

Considerando o conceito de complemento nominal, analisamos o livro *Se liga na língua: Literatura, Produção de Texto e Linguagem*, de Ormundo & Siniscalchi (2016), que era adotado no Centro de Ensino Paulo VI. Observamos que o complemento nominal é apresentado nesse LD como “um termo integrante, previsto pelo sentido da palavra transitiva que complementa (substantivo, adjetivo ou advérbio). É obrigatoriamente preposicionado” (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2016, p. 300-301).

A partir do referido conceito, percebemos que Ormundo & Siniscalchi (2016), cometem alguns equívocos, pois propõem que “O complemento nominal é um termo integrante, previsto pelo sentido da palavra que complementa. O adjunto adnominal é um termo acessório” (2016, p. 301). Entendemos que esta é uma definição confusa, visto que mescla as concepções de complemento nominal e adjunto adnominal, sem desenvolver, separadamente, uma conceituação mais clara dos respectivos termos, o que pode gerar muitas dúvidas nos alunos.

Além disso, os referidos autores, ao apresentarem o complemento nominal, deixam implícita a ideia de que os estudos gramaticais partem de uma mera interpretação textual, pois iniciam suas análises a partir de um exemplo isolado, como pode ser visto nos quadrinhos abaixo (Figura 1), para chegarem ao conceito de complemento nominal; sem levar em consideração que uma regra não pode ser comprovada com apenas um único exemplo.

Figura 1: Quadrinhos



Fonte: Ormundo & Siniscalchi (2016)

Já na página 301, os autores analisam o anúncio publicitário abaixo (Figura 2) a fim de conceituar o complemento nominal, bem como diferenciá-lo do adjunto adnominal. Observe:

**Figura 2:** Anúncio publicitário



**Fonte:** Ormundo & Siniscalchi (2016)

Na figura acima, os autores citam rapidamente o termo “Sintagmas Nominais” para efetuar a conceituação de complemento nominal, porém, sem apresentar nenhuma explicação sobre o significado do referido termo: “[...] essa diferença pode ser observada nos sintagmas nominais. Um substantivo como *prevenção* precisa ter sentido completado por outra palavra, que identifica aquilo que deve ser prevenido. Essa palavra recebe o nome de *complemento nominal*. [...]” (2016, p. 301)

Os autores prosseguem conceituando o adjunto adnominal, a partir do exemplo retirado do anúncio publicitário: “já o substantivo *câncer* é uma palavra com sentido completo, sendo “mama” um termo acessório que o caracteriza. Trata-se de um *adjunto adnominal*” (ORMUNDO & SINISCALCHI, 2016, p. 301). E concluem com o quadro comparativo abaixo (Quadro 1), a fim de diferenciar o complemento nominal e o adjunto adnominal.

**Quadro 1:** Complemento nominal e adjunto adnominal

O *complemento nominal* é um termo integrante, previsto pelo sentido da palavra que complementa. O *adjunto adnominal* é um termo acessório.

**Fonte:** Ormundo & Siniscalchi (2016)

Portanto, no que concerne à diferenciação entre *complemento nominal e adjunto nominal*, no referido LD, são postos conceitos superficiais, que, podem gerar muitas dúvidas nos alunos. Entendemos que seria necessário explicar com maiores detalhes porque o *complemento nominal* pode ser considerado um termo integrante, previsto para complementar o sentido de um nome e não de um verbo. E, além disso, constatamos que o conceito de *adjunto nominal* apenas como um termo acessório não é suficientemente elucidativo para o aluno. Vale salientar que o estudo desse último componente oracional é objeto de análise da professora pesquisadora em outro plano de trabalho, que também faz parte do projeto maior citado anteriormente, razão pela qual não é objeto de estudo desta pesquisa.

Ao analisarmos o complemento nominal (termo da GT - Gramática Tradicional / Normativa), segundo o olhar do Gerativismo, observamos mudanças desde a nomenclatura, que passa a ser a de *complemento não-verbal* – que segundo Kenedy (2013), é o complemento selecionado por um núcleo N (nome), A (adjetivo) ou P (preposição), tal como é exemplificado a seguir:

N (nome) é o complemento

Ex<sup>1</sup>: Ida *ao Japão*

SN

A (adjetivo) é o complemento

Ex<sup>2</sup>: Consciente *dos problemas*

SA

P (preposição) é o complemento

Ex<sup>3</sup>: Para *você e seus amigos*

SP

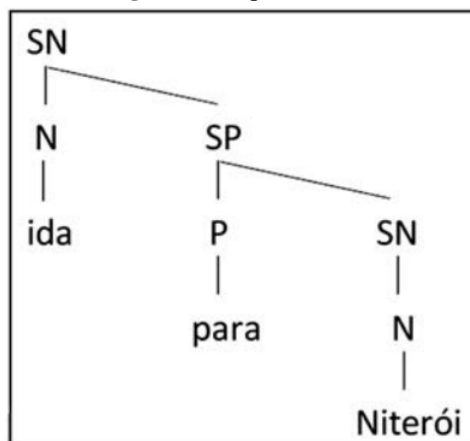
De fato, aderimos e defendemos os estudos de Kenedy (2013), pois esse autor propõe que o complemento nominal é um “complemento de um núcleo nome, adjetivo ou preposição”, conceito esse, que, certamente, iria facilitar a compreensão do aluno sobre o uso efetivo dessa função sintática, amenizando as dificuldades na produção e compreensão de textos orais e escritos, segundo a norma padrão brasileira.

Nessa perspectiva, não seria possível abordar o complemento não-verbal (ou nominal, segundo a GT) sem demonstrar como ele é representado no esquema arbóreo, visto que nossa



proposta tem como aporte teórico o gerativismo. Vejamos, então, como o complemento não-verbal encontra-se no esquema arbóreo representado abaixo (Figura 3):

Figura 3: Esquema Arbóreo



Fonte: Kenedy (2013)

Na figura acima, temos a representação arbórea da sentença “ida para Niterói”, na qual *para Niterói* é o complemento do nome (N) *ida*, portanto, trata-se de um complemento não-verbal (ou nominal, de acordo com a GT).

Entretanto, é importante esclarecer que nossa intenção, nesta pesquisa, não é levar puramente a teoria chomskyana para a sala de aula, mas sim, aplicar os princípios gerativistas básicos, tais como a técnica da eliciação, bem como os conceitos de competência e desempenho linguísticos, entre outros, ao ensino de Língua Portuguesa, em especial o de complemento nominal, com o intuito de simplificá-lo.

Vale ressaltar que a *eliciação*, conforme as autoras Vicente & Pilati (2012), trata-se de uma técnica utilizada no ensino, que tem como finalidade extrair os *conhecimentos prévios* dos alunos, isto é, os conhecimentos que precedem a educação formal, antes de apresentá-les conteúdos novos. *Competência* e *desempenho linguísticos*, por sua vez, são, respectivamente, o *conhecimento* que temos a respeito da nossa Língua-E (língua do ambiente, como o português, por exemplo), e o *uso concreto* dessa Língua-E. É importante ressaltar, que a responsabilidade, sobre o desenvolvimento do desempenho linguístico dos estudantes, recai sobre a escola, considerando que esses conceitos básicos do gerativismo, podem, sem dúvida, auxiliar os professores nesse processo.

## DEFINIÇÕES PARA O MODELO MORFOSSINTÁTICO EM OUTRAS GRAMÁTICAS

No livro *Conecte: português linguagens*, Cereja & Magalhães (2014) classificam o complemento nominal e o adjunto adnominal de um modo que pode gerar muitas dúvidas ao leitor, uma vez que, logo no subtítulo do capítulo 32, os consideram “termos ligados ao verbo”. Esse fato causou-nos bastante preocupação, pois entendemos que o complemento nominal, como o próprio nome esclarece, é um termo que completa o sentido de um elemento não-verbal.

Além disso, Cereja & Magalhães (2014), com o objetivo de tratar da temática em estudo, partem de frases isoladas, assim como fazem comparações entre os complementos de verbos e de nomes, pois demonstram que os verbos transitivos podem ser substantivados; e dessa forma, originar complementos nominais, tal como é evidenciado no exemplo a seguir:

Gostar *dos estudos* ➡ Objeto indireto

O gosto *pelos estudos* ➡ Complemento nominal

Assim, o complemento nominal é conceituado sob um ponto de vista estritamente sintático, como “o termo que completa nomes, isto é, substantivos, adjetivos e advérbios” (CEREJA & MAGALHÃES, 2014, p. 367); mas também, a partir de uma análise morfossintática que “pode ter como núcleo substantivo ou palavra substantivada, pronomes e numeral” (CEREJA & MAGALHÃES, 2014, p. 367). Logo, os autores demonstram um tratamento normativo/prescritivo da língua portuguesa, que não é suficientemente elucidativo para os estudantes, por trazer unicamente regras prontas, sem levar o aluno a pensar sobre a própria língua materna.


Já no LD *Texto: análise e construção de sentido - volume único*, as autoras Maria Luiza Abaurre et al. (2015) tratam do complemento nominal, na unidade 5, capítulo 22, páginas 400 e 401. Inicialmente, através de uma tirinha de Jean Galvão em que o tema complemento nominal é posto sob o efeito de humor, pois o aluno declara que tem “medo de complementos nominais”. As autoras empregam essa frase do último quadrinho, para afirmar que “complementos nominais” têm a função de complemento nominal do substantivo “medo”.

As autoras trazem, ainda, a seguinte conceituação para complemento nominal: “é o termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos) e advérbios, especificando sua relação com o termo cujo sentido completa é feita por meio de uma preposição” (ABAURRE, et al., 2015, p. 400).

Ao analisarmos tal consideração, sob o viés do gerativismo, percebemos que poderia ser melhor esclarecida, pois as autoras sustentam a primeira regra de reescritura do SP, preposição + SN, ao seu modo; porém, tal explicação não é apresentada de maneira didatizada, com as nomenclaturas específicas e, além disso, não simplifica o conceito do termo em análise, uma vez que deixa de utilizar a afirmação de cunho gerativista, de que o complemento nominal nada mais é que um complemento de nome (KENEDY, 2013).

O LD *Aprender e praticar gramática: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares*, de Ferreira (1995), por sua vez, na unidade 17, das páginas 235 a 237, traz a seguinte compreensão: o complemento nominal está para os “nomes de sentido incompleto”, tal como um complemento verbal (objetos direto ou indireto) está para os “verbos de sentido incompleto” (transitivos).

Ferreira (1995) traz como exemplos frases isoladas, as analisa, e chega à conclusão de que o complemento nominal se refere a substantivos abstratos, adjetivos e advérbios. Ressalta, ainda, que, no momento em que o nome faz referência a expressão de uma ação, o complemento nominal será o paciente (alvo) dessa ação e nunca indicará posse. No exemplo abaixo, Mauro Ferreira analisa a frase “Sua mãe tem grande admiração [pela amiga]”, a fim de comprovar porque “*pela amiga*” é complemento nominal e não adjunto adnominal. Observe:



Ex: Sua mãe tem grande *admiração* pela amiga?  
nome

*pela amiga*: complemento ou adjunto adnominal?

Segundo Ferreira (1995), *pela amiga* trata-se de um complemento nominal. O autor chega a essa conclusão após a análise abaixo:

[...] admiração é um substantivo abstrato, [...] tanto o adjunto adnominal como o complemento nominal podem se referir a substantivos abstratos. [...]

admiração é uma ação (ação de admirar) e o termo em estudo (pela amiga) é o paciente dessa ação (a amiga é admirada). Portanto, o termo pela amiga é complemento nominal (1995, p. 237).

Vale ressaltar que, de modo geral, nos LDs aqui analisados, pouca importância foi dada ao complemento nominal, visto que só foram feitas conceituações muito breves e atividades com muitos textos, contudo, poucos exemplos de complemento nominal. Além disso, percebemos que, de modo geral, nas gramáticas analisadas a diferenciação entre complemento nominal e adjunto adnominal recebeu maior destaque. Todavia, o LD de Ferreira (1995) merece destaque, pois coloca em evidência o estudo da temática em questão, à medida que dedica duas páginas e meia ao estudo do complemento nominal e algumas de suas especificidades, além de ser, dentre os autores analisados, aquele que melhor simplifica o estudo desse componente oracional e, portanto, se aproxima da conceituação gerativista (na qual o complemento nominal complementa o sentido de um nome), visto que Ferreira (1995) afirma que “o complemento nominal relaciona-se ao nome que ele completa sempre através de uma preposição” (p. 236).

## **ANÁLISE DOS PLANOS SEMESTRAL E ANUAL DOS PROFESSORES DE LP, DO CENTRO DE ENSINO PAULO VI**

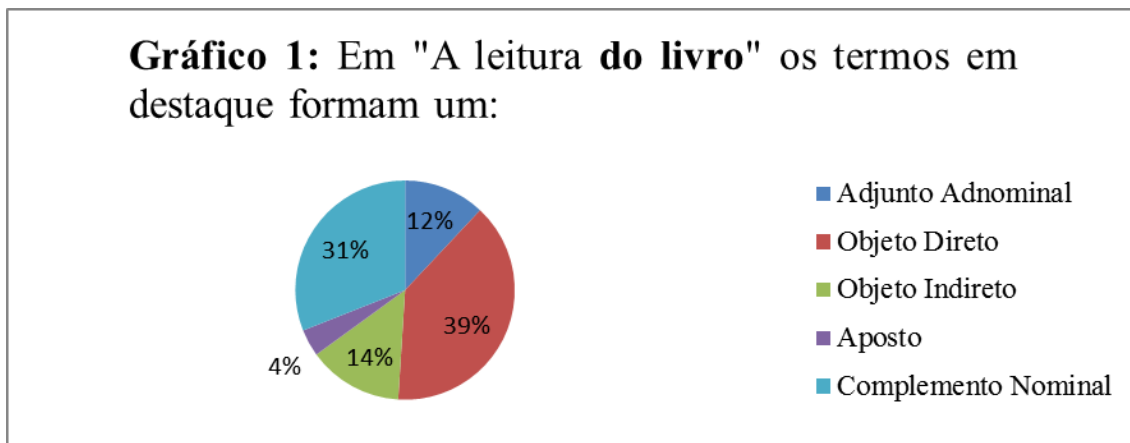
Ao analisarmos o plano de curso e bimestral, percebemos que o mesmo não contempla, de forma explícita, a função sintática do complemento nominal, o que é preocupante, visto que é um conteúdo que deve ser trabalhado no 3º ano, ou seja, é uma lacuna que foi deixada, entretanto, é possível que a professora tenha trabalhado essa temática, apesar de não constar no plano. Contudo, essa lacuna pode ter interferido na dificuldade apresentada pelos alunos ao responderem o questionário, que será discutido adiante.

Além disso, pudemos notar que a disciplina de Língua Portuguesa, no Centro de Ensino Paulo VI, é trabalhada de forma interdisciplinar, com um enfoque na produção textual. Fato entendido, nesta pesquisa, como positivo, considerando que cada vez mais a literatura da área defende o ensino interdisciplinar na educação básica, visando a uma melhor educação linguística.

Vale ressaltar que, o nosso objetivo nessa pesquisa não é defender a extinção da gramática normativa no ensino-aprendizagem de língua portuguesa na educação básica, mas

contribuir, a partir de fundamentação em estudos científicos a respeito da língua, sob um enfoque gerativista para um melhor entendimento da mesma. A seguir, apresentaremos os resultados do questionário aplicado aos alunos do 3º ano da escola pesquisada.

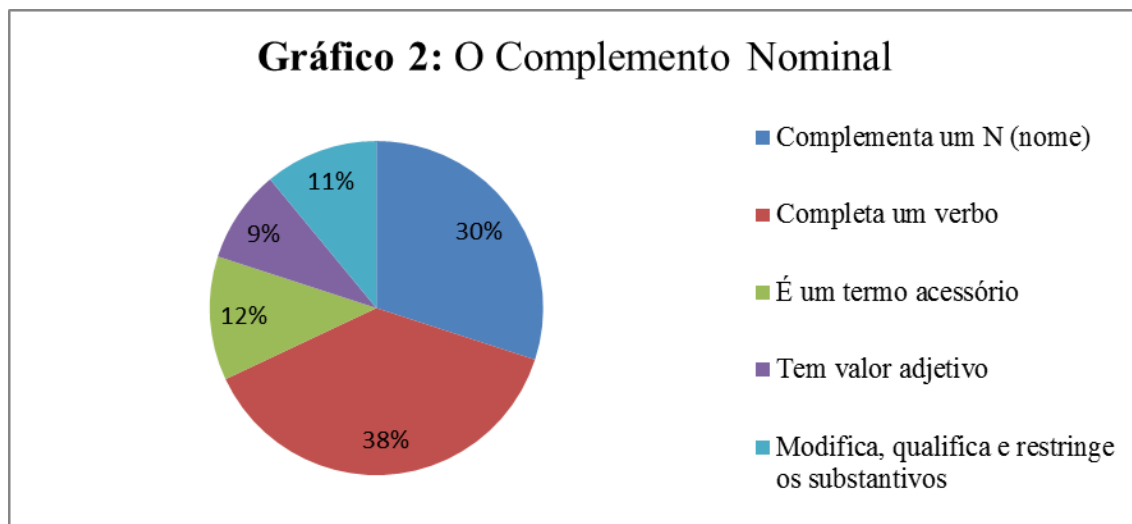
Ao serem indagados sobre como se constitui o termo em destaque na frase “A leitura [do livro]”, obtivemos as consecutivas respostas:



**Fonte:** Das autoras (2019)

Ao analisar tais resultados, percebemos que grande parte dos alunos, 39%, responderam que o termo em destaque é um objeto direto. Fato esse que é preocupante, visto que, segundo a gramática normativa, o objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto, sem o auxílio da preposição; sendo que na frase “A leitura do livro” não há nenhum verbo, o que nos leva a crer que os estudantes investigados não tinham domínio dessa regra, possivelmente memorizaram ao longo da educação básica.

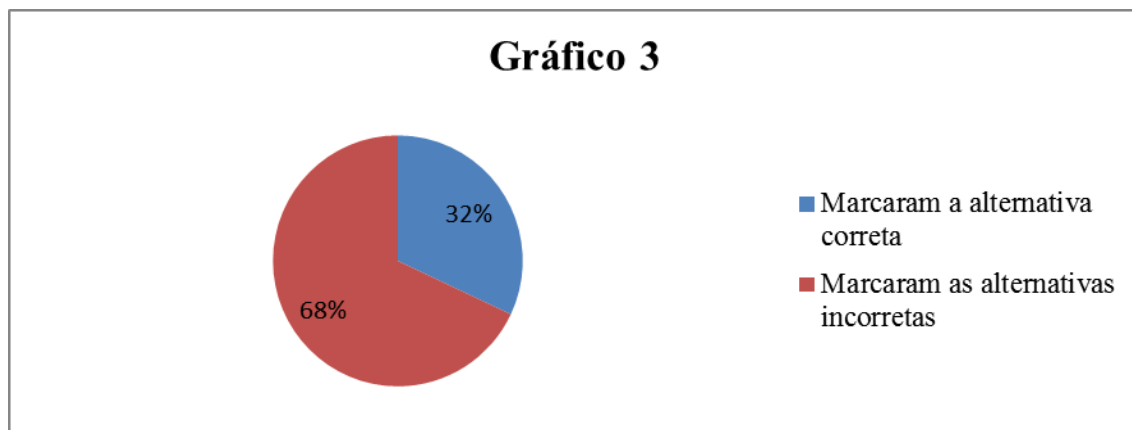
Além disso, foi solicitado aos discentes que marcassem a opção que apresentasse o conceito de complemento nominal. Entretanto, é importante ressaltar que inserimos duas respostas “corretas”, intencionalmente, uma fundamentada no gerativismo e a outra na gramática normativa (GT). Obtivemos as seguintes respostas:



**Fonte:** Das autoras (2019)

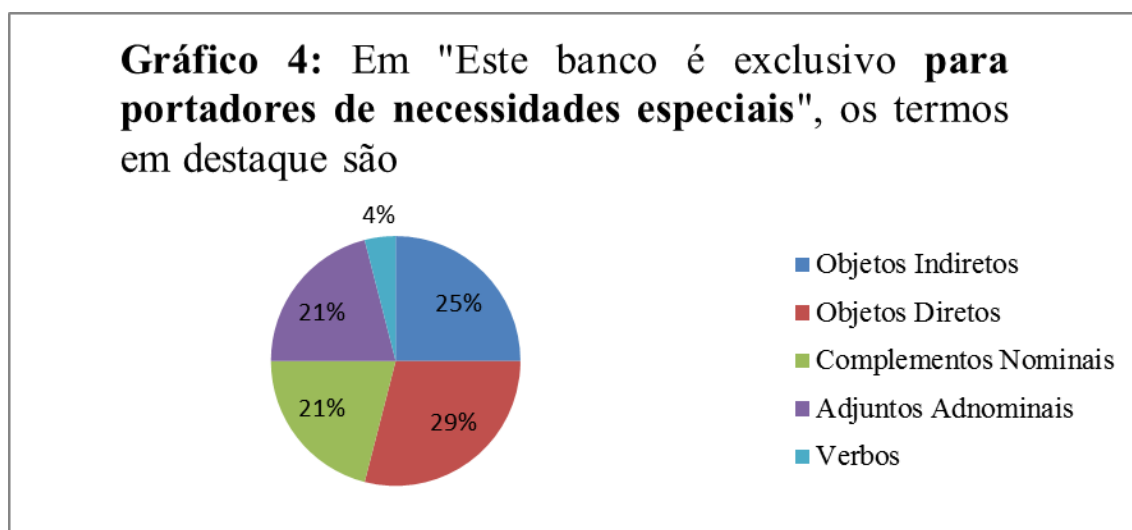
Investigando esses dados, chegamos a duas conclusões inesperadas : (i) entre a conceituação gerativista e a normativa, a maioria dos alunos (30%) optou pela abordagem gerativa sobre complemento nominal, apesar de nunca terem sido a ela apresentados, o que pode comprovar que o gerativismo apresenta uma conceituação mais simplificada; (ii) 38% do alunado respondeu que o complemento nominal completa o sentido de um verbo, podendo subdividir-se em objeto direto ou objeto indireto, o que é extremamente alarmante, dado que são alunos que estavam finalizando o ensino médio, que estudaram desde o ensino fundamental, a gramática normativa, na qual foram apresentados os conceitos de complementos nominais, bem como os de complementos verbais.

Na próxima questão, foram citadas as seguintes frases: “O poeta morreu”, “A morte do poeta”, “A volta à casa paterna”, “Voltou à casa paterna” e “Doaram poucas canetas aos alunos”, e foi solicitado que assinalassem a alternativa que incluísse um complemento nominal. É relevante afirmar que a opção “correta” era a que continha a frase “A morte [do poeta]”, pois o termo em destaque completa o sentido do nome “morte”. Observe os resultados obtidos:



**Fonte:** Das autoras (2019)

Por fim, foi apresentada a frase “Este banco é exclusivo [para portadores] (de necessidades especiais)”, que foi retirada do LD adotado pela escola pesquisada, nesta feita foi solicitado que os alunos identificassem a que função os termos destacados faziam parte. Tivemos as seguintes respostas:



**Fonte:** Das autoras (2019)

Também nessa questão, os alunos confundiram complemento nominal com objeto direto, um dado inquietante, não só pelas explicações supracitadas, mas também porque foi um exemplo retirado do próprio livro didático utilizado por eles em sala de aula, de um exercício justamente sobre complemento nominal. O que comprova que os métodos de ensino e o material didático precisam ser urgentemente repensados, pois os discentes estão concluindo o ensino médio sem ao menos compreender funções básicas de sua língua materna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou ressignificar o estudo sintático do complemento nominal, com suporte em um enfoque gerativo, considerando o conhecimento prévio do aluno, conhecimento internalizado que todo falante detém de sua língua materna. Esse saber transcende as experiências aprendidas na escola, em virtude dos discentes já possuírem vasto conhecimento sobre sua língua materna; competindo à escola o papel de conduzir esses aprendizes às informações que já trazem consigo. Conhecimento prévio este que, segundo Vicente & Pilati (2012), suplanta os conhecimentos escolares e corresponde aos conhecimentos que o indivíduo tem muito antes de adentrar a educação formal. Por isso, o professor tem o papel de mediador entre o *conhecimento prévio* do aluno e os novos conhecimentos que serão adquiridos.

Nesse sentido, consoante o linguista Eduardo Kenedy (2013), a noção de sintagma deve ser inserida no ensino/aprendizagem da língua e, assim, seriam reduzidas as funções sintáticas para apenas quatro, isto é: sujeito, predicado, complemento e adjunto. Consideramos a referida proposta como uma contribuição significativa para os estudos gramaticais, visto que as inúmeras subdivisões das funções não se fazem tão necessárias para o funcionamento da língua, bem como podem gerar ainda mais dúvidas nos alunos.

Assim, reconhecemos o presente estudo como um dos passos iniciais para a transformação da trajetória de um ensino fundamentado na memorização de regras e, por isso, fracassado, pois não tem dado conta do processo de ensino-aprendizagem de funções básicas, tais como o complemento nominal. Defendemos, portanto, um ensino reflexivo que garanta ao aluno a criação de hipóteses, para chegar a conclusões, e assim, compreender o funcionamento da língua, o que será possível a partir da valorização dos conhecimentos que o aluno traz consigo, ou seja, o conhecimento prévio ou competência linguística nas palavras chomskianas. Quanto ao ensino reflexivo de Língua Portuguesa, Vicente & Pilati (2012) comprovam que, deve-se partir da *reflexão* para chegar ao *uso*, bem como ser pautado no conhecimento prévio do aluno, que é:

[...] é algo que antecede esse ensino formal e explícito oferecido pela escola. Concordamos que o “ensino” da língua deve ter como finalidade a produção e a compreensão de textos, porém, entendemos que o seu ponto de partida deve ser a reflexão sobre aquilo que o aluno já sabe sobre a sua língua.



Desse modo, sugerimos que a organização dos conteúdos de Língua Portuguesa seja feita em função de um modelo em que reflexão anteceda ao uso: REFLEXÃO → USO → REFLEXÃO → USO... trata-se, portanto, de trabalhar com as intuições que os estudantes têm acerca de sua própria língua e, nesse sentido, é fundamental a função mediadora do professor, a quem cabe trazer à consciência do aluno informação que ele já possui sobre a sua língua (2012, p.10).

Compreendemos, dessa maneira, que a diferença nos estudos morfossintáticos do complemento nominal está em explicar aos alunos que esse termo é selecionado por um núcleo, que pode ser um N (nome), A (adjetivo) ou P (preposição), simplificando assim a sua conceituação. Para tanto, será utilizada a *eliciação*, que segundo Vicente & Pilati (2012) é:

uma técnica de ensino que corresponde ao ato de extrair dos alunos informação previamente conhecida, antes que a eles seja apresentado conteúdo novo. Além de servir para relacionar conhecimento “velho” a conteúdos novos, a técnica acaba por mostrar ao aluno que este é parte ativa no processo ensino-aprendizagem (2012, p. 11).

A técnica da *eliciação* será, portanto, utilizada no ensino-aprendizagem de complemento nominal, no instante em que os alunos refletirem sobre conhecimentos que eles já possuem, como por exemplo a diferenciação entre *nome* e *verbo*, em diferentes sentenças, o que levará o estudante a compreender que o complemento nominal (não-verbal, segundo o gerativismo) complementa um nome – e não um verbo, como infelizmente foi respondido no questionário.

Nessa perspectiva, seguindo um viés teórico-metodológico da gramática descritiva de orientação gerativa, esta pesquisa almejou conceder subsídios para que os discentes possam entender o fenômeno da análise da função sintática do complemento nominal, e, dessa maneira, desenvolver a competência discursiva para interagir em diversas situações nas quais a linguagem seja o principal elemento, tais como: falar, escutar, ler e escrever.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M. **Gramática - Texto: análise e construção de sentido** - volume único / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. São Paulo: Moderna Plus, 2015.

CEREJA, William Roberto. **Conecte: português linguagens**: volume único / William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. - 1. ed. - São Paulo: Saraiva, 2014.

CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista**. Lisboa: Ed. Caminho, 1999.

COSTA, Matheus Mario; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. **Sintaxe Gerativa: reflexões para a prática pedagógica da língua portuguesa**. Artes, Letras e Comunicação. Santa Maria, v.4, 2003.

CRUZ, Arion de Souza. **Ensino de gramática em perspectiva gerativista: o complemento nominal e o adjunto adnominal**. Disponível em: <  
<http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/intercambio/article/view/13158/9238>> . Acesso em: 22/11/18.

DE NICOLA, José. **Português: ensino médio, volume 1** / José De Nicola. - São Paulo: Scipione, 2005.

FERREIRA, Mauro - **Aprender e praticar gramática: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares: 2 grau**. São Paulo: FTD, 1992.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa**. Revista de Letras (Fortaleza) , v. 1, 2013.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem**. São Paulo: Moderna, 2016.

VICENTE, Guerra Helena; PILATI, Heloísa. **Teoria Gerativa e “Ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. VERBUM- Cadernos de Pós-Graduação, n.2, 2012.